

O COMPARATISMO E O CLIMA NO SÉCULO XIX: FERDINAND DENIS, ENTRE AS AMÉRICAS E A ÁFRICA

José Luís Jobim
Maria Elizabeth Chaves de Mello
Universidade Federal Fluminense

Resumo: Neste breve ensaio, mostraremos como, na obra de Ferdinand Denis, uma linha de pensamento colonialista francesa se manifesta. A partir de pressupostos “universais” sobre a influência do clima nas populações humanas, oriundos do século XVIII, mas muito utilizados em argumentos europeus do XIX, veremos como Denis apresenta uma “descrição” das supostas semelhanças entre árabes, negros africanos, índios das Américas e sertanejos brasileiros, em função do clima quente em que todos eles vivem.

Palavras-Chave: Ferdinand Denis; Colonialismo francês; Clima; Século XIX.

Abstract: In this paper, we will show how, in the work of Ferdinand Denis, a line of French colonialist thought is presented. Based on “universal” 18th century assumptions about the influence of climate on human populations, but widely used in European arguments from the 19th century, we will see how Denis presents a “description” of how the supposed similarities between Arabs, black Africans, Indians from the Americas and Brazilian sertanejos, are due to the hot climate in which they all live.

Keywords: Ferdinand Denis; French colonialismo; Climate; XIX Century.

Hoje em dia, é complicado para a teoria e a crítica literária trabalharem conceitualmente com os fundamentos dos quadros de referência a partir dos quais se formulam as representações de populações humanas nas diversas regiões do planeta.

Estas representações são construções nas quais se fazem atribuições de sentido àquelas populações, embora frequentemente se apresentem como “descrições

objetivas”. Aijaz Ahmad já disse que descrições nunca são ideológica ou cognitivamente neutras, porque escrever é especificar um lugar de sentido, construir um objeto de conhecimento e produzir um saber que será configurado e limitado pelo ato de construção. Ahmad lembra que as “descrições” tiveram um papel importante no discurso colonial, já que foi através de descrições – de corpos, atos de fala, *habitats*, conflitos de desejos, políticas e sexualidades dos colonizados – em campos disciplinarizados academicamente que o discurso colonial foi capaz de classificar e dominar ideologicamente o sujeito colonizado, capacitando-se a transformar a multiplicidade e diferença descritivamente verificável em hierarquia de valor ideologicamente percebida (AHMAD, 1987: 6).

Os textos de viajantes e cientistas europeus que percorreram as Américas foram uma fonte inesgotável de “descrições”, e até hoje se sentem efeitos dos julgamentos de classificação, generalização e valor elaborados de forma direta ou indireta por eles. Em outras palavras, o sistema de referências pós-colonial ainda herdou elementos derivados daquelas descrições, as quais influenciaram e influenciam os juízos práticos que motivam o agir cotidiano, direta ou indiretamente.

Neste breve ensaio, mostraremos como, na obra de Ferdinand Denis, uma linha de pensamento colonialista francesa se manifesta. A partir de pressupostos “universais” sobre a influência do clima nas populações humanas, oriundos do século XVIII, mas muito utilizados em argumentos europeus do XIX, veremos como Denis apresenta uma “descrição” das supostas semelhanças entre árabes, negros africanos, índios das Américas e sertanejos brasileiros, em função do clima quente em que todos eles vivem.

No entanto, é importante enfatizar que Denis não caminhou sozinho, pois seguiu uma trilha aberta muito antes dele, pela qual viajantes europeus escreveram livros e artigos atribuindo sentidos aos territórios, populações, paisagens e modos de vida que encontravam em seus deslocamentos, e comparando com o que existia na Europa. O conde Louis-Marie-Joseph Ohier de Grandpré [1761-1846], por exemplo, viajou pela costa ocidental da África e escreveu que a pimenta é necessária para os habitantes locais cozinharem: “fazem grande uso dela e dela experimentam efeitos salutareis; como um tônico, é necessário em um país quente para facilitar as funções do

estômago irritado pela transpiração contínua.”(1801, t.1: 69) ¹ Para ele, o calor não era responsável apenas pela transpiração contínua, mas também pela poligamia, porque, em um país quente, o sangue dos homens ferveria e geraria a necessidade de terem muitas mulheres².

Teorias francesas sobre o clima

Essas teorias sobre os climas não eram novidade no século XIX. Boileau [1636-1711] já tinha afirmado que o clima influenciava o temperamento do homem, mas foi Montesquieu [1689-1755] quem apresentou a ideia com uma aparência de rigor científico, tentando fundamentá-la na experiência. Segundo ele, o ar frio comprimiria as extremidades das fibras exteriores do corpo, aumentando a sua força e favorecendo o retorno do sangue nas extremidades do corpo até o coração. Diminuindo o tamanho das fibras, aumentaria a sua força. O ar quente, ao contrário, relaxaria as extremidades das fibras, alongando-as e diminuindo, assim, a sua força. Como consequência, a sensibilidade aos prazeres seria pequena nos países frios, maior nos países temperados e enorme nos países quentes. Reduzindo a força das fibras, o clima quente favoreceria a aceitação do despotismo ou da escravidão: por isso, Montesquieu (1958, v. 2: 523) afirma que não seria surpreendente que a covardia dos povos dos climas quentes os tivesse tornado quase sempre escravos, e que a coragem dos povos dos climas frios os tivesse mantido livres: isto seria um efeito que deriva da sua causa natural. Se aceitássemos esta argumentação, estaria justificada a predominância do espírito de liberdade na Europa, continente que possui um clima temperado, em sua maior parte...

Já o naturalista Buffon, comparando os animais da Europa com os da América, indagou se não possuíam ancestrais comuns, e se suas diferenças não seriam oriundas de alterações devidas a condições de vida diferentes. Segundo Buffon, a temperatura, a qualidade da alimentação e os males da escravidão seriam os três fatores que

¹ Le piment réunit sur-tout les soins des naturels ; ce fruit leur est nécessaire pour leur cuisine , ils en font une très-grand usage et en éprouvent des salutaires effects ; comme tonique , il est nécessaire dans un pays chaud pour faciliter les fonctions de l'estomac enervé par les transpirations continuelles. (1801:69).

² La polygamie est em usage dans um pays brûlant, ou le sang embrâsé des habitants leur fait un besoin de la pluralité des femmes. (97)

provocariam as mudanças e a degeneração dos animais e dos homens. Antecipando-se ao evolucionismo e à ideia da “seleção natural” de Darwin, Buffon [1707-1788] compartilhou da teoria dos climas de Montesquieu com relação ao homem, concluindo que a Europa, pelo seu clima temperado, seria o lugar ideal para a civilização.

No seu *Discours sur le style* (1753), pronunciado na ocasião da sua entrada para a Academia Francesa, Buffon definiu o estilo como resultado da perfeita adaptação da expressão ao pensamento. Segundo ele, esses são atributos do homem dos climas temperados. Questionou, a partir daí, se os povos do Novo Mundo poderiam ter estilo. Quanto ao olhar europeu sobre esses povos, Buffon (1978: IV) afirmou que o homem selvagem e a natureza americana são percebidos de forma ambivalente pelo discurso europeu, que oscilava entre a imagem positiva da felicidade natural e inocente dos habitantes de clima fértil, e a condenação dos seus costumes bárbaros. Esta visão ambígua dos habitantes americanos tem duas origens: a primeira seria a imagem do Éden, projetada sobre a América desde a época do descobrimento -- lugar da eterna primavera, com temperatura constante, habitado pelo *bon sauvage*. A segunda seria a necessidade, no século XVIII, de se legitimar a expansão colonial europeia.

Pode-se perceber que há uma tensão entre a imagem negativa do homem e da natureza americana (Montesquieu, Buffon, etc.) e a imagem positiva que lhes emprestou Rousseau, para quem a natureza seria fundamentalmente boa, não corrompida pelo pecado original -- bastando deixar que se desenvolva, sem modificá-la em nada, pois a civilização e a sociedade é que corromperiam o homem. Longe dos males da civilização, a natureza humana produziria frutos de fraternidade universal. Rousseau adotou, assim, a teoria já esboçada por Montaigne, do *bon sauvage*, vigoroso, simples e generoso, ignorando a corrupção das ciências e das artes, feliz por obedecer à mãe natureza.

Essa tensão entre a imagem positiva e a imagem negativa será fundamental na discussão sobre o racismo científico e a inferioridade dos povos não europeus, que marcará a cultura brasileira, a partir do século XIX. Por um lado, representa-se o selvagem como o contrário do progresso: seriam povos sem história, sem religião, sem escrita. Por outro lado, como livres e nobres, sem leis, sem vícios e sem propriedades.

Se os primeiros viajantes a escreverem sobre os habitantes do Brasil eram franceses, religiosos (André Thevet, católico³; Jean de Léry, protestante⁴), narrando a tentativa de colonização francesa do país segundo o ponto de vista de suas respectivas crenças, seria também um outro francês, Charles-Marie de la Condamine [1701-1774], cientista e escritor, o responsável por reintroduzir o Brasil em cena, quando a região havia caído no esquecimento, após o fracasso da tentativa de criação de uma França Antártica no Rio de Janeiro. Em abril de 1735, La Condamine foi encarregado, pela Académie des Sciences, de organizar uma expedição ao Peru, para medir o comprimento de um arco de meridiano perto do equador. Ele desceu o Amazonas (foi o primeiro cientista a fazê-lo) e chegou até Caiena. No que diz respeito à ciência, essa viagem foi importante, entre outras coisas, por permitir a primeira descrição do quinino, assim como a descoberta da borracha e do curare.

Apesar de sua missão não ser de caráter antropológico, na sua volta a Paris, em 1745, La Condamine levou mais de duzentos espécimes de história natural. Ele também achou que devia dizer “alguma coisa sobre o espírito e temperamento dos originários da *América Meridional*, que chamamos vulgarmente, embora impropriamente, de *índios*” (LA CONDAMINE, 1745: 49)⁵. Para ele, todos os índios teriam uma cor avermelhada, ou mais ou menos clara, e a variação na nuance desta cor de pele teria como causa principal “a diferente temperatura do ar dos lugares que habitam, variando do maior calor da Zona Tórrida até o frio provocado pela proximidade da neve” (LA CONDAMINE, 1745: 50)⁶. Sua conclusão sobre os índios vai na direção inversa à de Rousseau: “não se pode constatar sem humilhação o quanto o homem abandonado à simples natureza, privado de educação e do convívio em sociedade, pouco difere do animal” (LA CONDAMINE, 1745: 53)⁷. Embora ressalte que a diversidade dos povos indígenas das Américas exigiria, um número de descrições quase equivalente à

³ *Les singularitez de la France Antarctique*, 1558.

⁴ *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dit Amérique*, 1578.

⁵...dire un mot du génie & du caractère des originaires de l'*Amérique Méridionale*, qu'on appelle vulgairement, quoiqu'improprement, *Indiens*.

⁶ ...la différente température de l'air des pays qu'ils habitent, variée depuis la plus grande chaleur de la Zone Torride, jusqu'au froid causé par la voisinage de la nége.

⁷ ...on ne peut voir sans humiliation combien l'homme abandonné à la simple nature, privé d'éducation & de société, diffère peu de la bête.

diversidade das nações indígenas, para serem mais exatas, ele faz um julgamento abrangente sobre os índios americanos, atribuindo-lhes supostas qualidades genéricas:

Creio ter reconhecido em todos uma mesma característica, cuja base seria a insensibilidade. Deixo em aberto se devemos honrá-la com o nome de apatia, ou aviltá-la, com o de estupidez. Provavelmente, ela nasce do número reduzido de suas ideias, que não vão muito além de suas necessidades. Glutões até a voracidade, quando têm com o que se satisfazer; sóbrios, quando a necessidade a isso os obriga, chegando até a ficarem sem nada, parecendo nada desejarem; pusilânimes e poltrões em excesso, se não forem tomados pela bebedeira; inimigos do trabalho, indiferentes a qualquer motivo de glória, de honra ou de reconhecimento, ocupados apenas com o objeto presente, e sempre por ele determinados; sem preocupação com o futuro; incapazes de previsão e de reflexão sobre qualquer coisa; quando nada os perturba, entregam-se a uma alegria pueril, manifestada por saltos e gargalhadas imoderadas, sem sentido e sem objetivo; passam a vida sem pensar e envelhecem sem sair da infância, da qual conservam todos os defeitos (LA CONDAMINE, 1745: 52-53)⁸.

Esse encontro com os índios, que ele descreve como apáticos e estúpidos, sem vontade, pusilânimes e covardes, além de infantilizados, remete-nos a Montesquieu, quando aquele filósofo escreveu sobre o efeito do clima nos habitantes das regiões quentes. Autêntico leitor e herdeiro da teoria dos climas do *philosophe*, assim como das ideias do Iluminismo, em geral, La Condamine interessa-se pela questão dos escravos, pela mistura das raças, pelos costumes nas cidades e povoados onde pernoita, sempre com um olhar dominado pelas leituras prévias que fizera, fornecendo material rico para estudar aquele momento no Brasil, mas, também, e principalmente, para entendermos o olhar do pensamento iluminista francês sobre a nação que se formava. Esta citação nos traz um olhar negativo, diferente do *bon sauvage*, a que a literatura de viagens nos acostumara, desde o texto de Jean de Léry. Trata-se aqui do selvagem, habitante de *clima*

⁸ Il faudrait donc, pour donner une idée exacte des Américains, presque autant de descriptions qu'il y a de nations parmi eux ; cependant, comme toutes les nations d'Europe, quoique différentes entre elles en langues, mœurs & coutumes, ne laisseraient pas d'avoir quelque chose de commun aux yeux d'un Asiatique qui les examinerait avec attention ; aussi tous les Indiens Américains des différentes contrées que j'ai eu occasion de voir dans le cours de mon voyage, m'ont paru avoir certains traits de ressemblance les uns avec les autres ; & (à quelques nuances près, qu'il n'est guère permis de saisir à un voyageur qui ne voit les choses qu'en passant) j'ai cru reconnaître dans tous un même fonds de caractère.

L'insensibilité en fait la base. Je laisse à décider si on la doit honorer du nom d'apathie ou l'avilir par celui de stupidité. Elle naît sans doute du petit nombre de leurs idées, qui ne s'étend pas au-delà de leur besoins. Gloutons jusqu'à la voracité, quand ils ont de quoi se satisfaire ; sobres, quand la nécessité les y oblige, jusqu'à se passer de tout, sans paraître rien désirer ; pusillanimes & poltrons à l'excès, si l'ivresse ne les transporte pas ; ennemis du travail, indifférents à tout motif de gloire, d'honneur ou de reconnaissance ; uniquement occupés de l'objet présent, & toujours déterminés par lui ; sans inquiétude pour l'avenir ; incapables de prévoyance & de réflexion ; se livrant, quand rien ne les gêne, à une joie puérile, qu'ils manifestent par des sauts et des éclats de rire immodérées, sans objets & sans dessein ; ils passent leur vie sans penser, & ils vieillissent sans sortir de l'enfance, dont ils conservent tous les défauts.

quente, com as características que Montesquieu descrevia: para esses homens: a moleza, a malandragem, a pouca aptidão para o trabalho seriam o traço mais forte.

Assim, os pensadores das Luzes continuaram exercendo sua influência sobre as ideias, que atravessam o século XVIII e chegam até o XIX, quando entra em cena Ferdinand Denis.

Ferdinand Denis [1798-1890]

Considerado o maior lusitanista e brasilianista da primeira metade do século XIX, Denis foi um dos primeiros europeus a escrever sobre o Brasil da época. Deu sua opinião sobre quase todos os assuntos: história, literatura, geografia, índios, música etc. E acabou se tornando uma espécie de autoridade em matéria de Brasil, tanto neste país quanto na Europa -- o elo entre o Brasil e a França, o especialista europeu em assuntos brasileiros.⁹ Virou fonte de consulta obrigatória para todos os que procuravam uma “autoridade inquestionável” no que dizia respeito ao Brasil, fazendo também um trabalho de divulgação junto aos europeus. Assim, é importante ressaltar sua contribuição para a instituição de uma certa imagem da realidade brasileira; o que, segundo Maria Helena Rouanet, seria feito muito conscientemente, a partir de uma constatação do próprio Denis, de que “esta é a mania de toda a América: ela quer ancestrais ilustres” (apud ROUANET: 1991:109)

Respondendo a essas expectativas, Denis lança-se como o introdutor do romantismo no Brasil, o autor do nosso *Prefácio de Cromwell*, “o pai da escola romântica brasileira”, o autor do primeiro “manifesto romântico brasileiro”, como é chamado o seu livro por inúmeros críticos. Fernandes Pinheiro [1825-1876] (1978: 495), por exemplo, escreveu que, com a sua intuição em captar os anseios do nosso povo, “quatro anos apenas contávamos de existência política, e já o Sr. Denis revelava à Europa a urgente necessidade de uma literatura brasileira”. A opinião de Denis era bem aceita pelo público brasileiro, porque tinha a vantagem de ser francês, não sendo “cúmplice”, portanto, dos ex-colonizadores portugueses. Havia, naquele momento após

⁹ Ferdinand Denis torna-se um verdadeiro procurador intelectual do Brasil na Bibliothèque Sainte-Geneviève. Em 1875, ele representa o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro num Congresso de Geografia em Paris.

a independência política, um anseio de liberdade cultural, a qual permitia que o público brasileiro fizesse uma espécie de substituição de referências, valorizando a França, por ser esta a detentora das “luzes” e o país da cultura, entre outras coisas. Vamireh Chacon resumiu assim aquele contexto:

... a francofilia representava, entre nós, desde os pródomos da nossa Independência, uma maneira de opor-se ao domínio português (...) a França era festejada por reacionários e progressistas, como matriz intelectual donde importavam as ideias que convinham a cada grupo, embora por diferentes motivos (CHACON: 1981: 18).

Denis soube captar um certo anseio brasileiro por referências culturais diferentes do português. E pôs “mãos à obra”, já que, segundo Antonio Candido, foi a ele que coube a tarefa de “iniciar a história da literatura brasileira e traçar as bases do nosso nacionalismo romântico” (CANDIDO, s. d.: 313). Assim, em 1824, Denis publicou as *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de leur Influence sur la Poésie*, que foram o primeiro passo para que o seu autor deixasse de ser apreciado apenas como um viajante estrangeiro a mais, já que tinha objetivos bem definidos e era uma obra dirigida a um interlocutor bastante determinado. Antes mesmo de começar a ler o texto do livro, o leitor já se depara com uma citação de Humboldt, na folha de rosto da publicação, que antecipa o uso do determinismo climático como base de argumentação: “Não há dúvida de que o clima, a configuração do solo, a fisionomia das plantas, a aparência de uma natureza sorridente ou selvagem, influenciam o progresso das artes e o estilo que distingue suas produções.”¹⁰ Em seu prefácio, Denis já argumentava:

À medida que a Europa vai ampliando as suas relações, que vai difundindo nas outras partes do mundo os benefícios da civilização, vemo-la fazer um contínuo intercâmbio, e ela enriquece as suas artes e o seu comércio com indústria de todos os povos que submete ao seu poder (DENIS: 1824: I)¹¹.

¹⁰ On ne saurait douter que le climat, la configuration - du sol, la physionomie des végétaux, l'aspect d'une nature riante ou sauvage, n'influent sur le progrès des arts et sur le style qui distingue leurs productions.

¹¹ A mesure que l'Europe étend ses relations, qu'elle répand dans les autres parties du monde les bienfaits de la civilisation, on lui voit faire un continuel échange, et elle enrichit ses arts et son commerce de l'industrie de tous les peuples qu'elle soumet à son pouvoir.

Na visão dele, a Europa é que teria o protagonismo, pois seria ela que ampliaria suas relações, para levar a outras partes do planeta os “benefícios” do que imaginava ser “a civilização” (considerando que o conteúdo deste termo é visto como ao mesmo tempo europeu e universal, assim como a missão de levá-lo a outros povos). O “contínuo intercâmbio” serviria para enriquecer as artes e o comércio europeus com o que possuíam “os povos submetidos a seu poder”.

Segundo Denis, fazia algum tempo que a Literatura parecia querer tirar proveito dessas comunicações contínuas estabelecidas com nações mais “distantes” – as submetidas ao poder europeu... Assim, os europeus teriam começado a sentir que também era importante conhecer os pensamentos dos homens e as produções de seu território (“...até sentimos que nas ideias primitivas do selvagem, há um caráter de grandeza que surpreende, em meio a nossa ordem social”) (DENIS, 1924: j)¹². Ao trazer o “distante” mundo colonizado pelos europeus para perto, Denis também faz o movimento clássico do comparatismo colonial: primeiramente, investe os elementos brasileiros e árabes dos sentidos que as teorias ou ideias europeias dão à influência do clima nas populações humanas: conseqüentemente, as afinidades, analogias, semelhanças ou diferenças, contrastes, dessemelhanças, apontados neles, pagam tributo àquelas teorias ou ideias, que passam a fazer parte integrante dos sentidos históricos das comparações feitas (Jobim, 2020).

Assim como Edward Said chamou de *Orientalismo* uma certa construção de representações coloniais e colonizadoras do mundo árabe que se apresentava como conhecimento “científico”, também tivemos nas Américas o *Novo Mundismo*, do qual Ferdinand Denis foi um representante ilustre:

Uma das heranças do Novo Mundismo são as teorias da falta. Essas teorias são derivadas da produção de sentidos europeus sobre os “domínios” incorporados no processo de colonização. Desde sua formulação inicial, foram extremamente difundidas em países com herança colonial europeia, como o Brasil. Elas implicavam uma estruturação de saberes que, direcionada a estes “domínios” e, alegando dar a conhecer a “nova realidade” presente neles, de fato criava representações dos territórios e povos dominados, a partir de modos de ver oriundos do velho continente. Assim, através de um olhar comparativo, em que o critério de avaliação usado na comparação era basicamente europeu, produziram-se julgamentos sobre o Novo Mundo, nos

¹² Depuis quelque temps, la littérature semble vouloir profiter de ces communications continuelles établies entre les nations les plus éloignées. On commence à sentir qu'il est aussi important de connaître les pensées des hommes que les productions de leur territoire ; on sent même que dans les idées primitives du sauvage, il y a un caractère de grandeur qui étonne, au milieu de notre ordre social.

quais se utilizava a Europa como régua para medir o que se encontrava. Se não existisse lá algo que no Velho Mundo era considerado relevante, então essa ausência era considerada uma falta. (JOBIM, 2020: 12)

No caso de que tratamos aqui, Denis ecoa uma série de ideias sobre os males dos climas quentes e as vantagens dos climas frios para as populações humanas. Como veremos, o excesso de calor e a falta de frio serão problemas apontados para brasileiros e árabes.

Denis também vai se apresentar como parte de uma linhagem de viajantes europeus que produziram uma série de textos, legitimados como produção de saber através de argumentos que passavam por um certo empirismo: apenas quem efetivamente esteve nos lugares “distantes” poderia falar sobre estes lugares: “As comparações dos lugares mais distantes teriam sem dúvida um vivo interesse, mas seria necessário, como Bernardin de Saint-Pierre, ter visitado a Rússia e os países em chamas, que são próximos da Índia e da África” (DENIS, 1824: p. ij)¹³.

Segundo Denis, o público europeu demanda do viajante que repasse os efeitos de uma natureza ainda virgem, os fenômenos produzidos pelo clima, e todas as impressões morais que são o resultado disso.¹⁴ Ele qualifica seu próprio livro como uma possível fonte de retratos da natureza mais exatos para os poetas, sobretudo quando se tratar de “lugares em que a natureza é totalmente diferente da nossa”. Seria interessante para os amigos da literatura “juntar em um mesmo olhar os diversos fenômenos que se observam nas regiões situadas abaixo dos trópicos, aqueles que se passam nos países gelados do norte” (DENIS, 1824:ij)¹⁵. Os objetivos do autor não poderiam ser mais explícitos:

Minha obra tem, portanto, dois objetivos; o de recordar a influência da natureza na imaginação dos homens que vivem em países quentes, e o de dar a conhecer aos europeus a vantagem que

¹³ Les comparaisons des lieux les plus éloignés auraient sans doute un vif intérêt, mais il faudrait comme Bernardin de Saint-Pierre, avoir visité la Russie et les pays brûlans qui se rapprochent de l'Inde et de l'Afrique.

¹⁴ L'Européen en demande donc au voyageur de lui retracer les effets d'une nature encore vierge, les phénomènes produits par le climat, et toutes, les impressions morales qui en sont le résultat. (DENIS, 1924 : j)

¹⁵ [...] il devient donc intéressant pour les amis de la littérature de rassembler sous un même coup-d'oeil les divers phénomènes qu'on remarque dans les régions situées sous les tropiques , ou ceux qui se passent dans les pays glacés du nord (DENIS, 1924: j).

podem tirar das grandes cenas das quais muitas vezes têm apenas uma ideia imperfeita (DENIS: 1824: ij)¹⁶.

A recepção deste livro de Denis mostra o quanto ele foi oportuno: na França, mereceu várias resenhas e Sainte-Beuve considerou que a obra prestava um serviço aos poetas e significava abrir novas fontes para as suas inspirações, pois lhes punha diante dos olhos algumas cenas dos trópicos (SAINTE-BEUVE, 1949: 6). Entretanto, apesar de reconhecer a pertinência do objetivo de Denis, Sainte-Beuve também argumentou que o crítico deve ser um intermediário no processo de formação de uma mentalidade. Por isto, embora ele achasse justa a ideia principal das *Scènes*, questionou o gosto pelo empréstimo de ideias estrangeiras, o perigo de falar a uma nação de uma natureza que ela não compreende.

Sensível a Sainte-Beuve (o mais famoso crítico de seu país na época), que não aprovou bem a proposta das *Scènes*, Denis mudou de rumo e passou a ser o divulgador do Brasil na França, orientador da literatura brasileira nascente, assumindo uma dupla e simultânea linha de ação. A partir da crítica de Sainte-Beuve, ele parece ter percebido que a sua tarefa deveria ser (...) “ã de fornecer aos brasileiros os princípios a partir dos quais estes deveriam desenvolver a sua própria literatura e, juntamente com isto, revelar-lhes o Brasil que deveria ser visto” (ROUANET, 1991: 221).

Assim, ele se proporia a orientar os brasileiros, mostrando-lhes o caminho seguido por Bernardin de Saint-Pierre e Chateaubriand, que teriam desvelado os encantos da natureza diante dos olhos do leitor. Ensinando e orientando o povo brasileiro, o viajante francês estaria respondendo a Sainte-Beuve, que alertara para o perigo de se falar da natureza americana a um público incapaz de compreendê-la. No caso do leitor brasileiro, este conhecia essa natureza.

O clima quente, os brasileiros e os árabes

¹⁶ Mon ouvrage a donc deux buts ; celui de rappeler l'influence de la nature sur l'imagination des hommes qui vivent dans les pays chauds, et celui de faire connaître aux Européens le parti qu'ils peuvent tirer des grandes scènes dont ils n'ont souvent qu'une idée imparfaite.

No Capítulo X, intitulado “Impressões poéticas dos pastores do Novo Mundo”, Denis afirma que é sobretudo aos povos pastores que cabe cultivar a poesia: na Itália, os pastores, quando celebravam o amor, pintavam apenas ideias graciosas, inspiradas em belas paisagens; na Grécia a mesma coisa (antes da dominação turca); e na Suíça a felicidade desapareceria assim que o cume de suas montanhas desaparecesse dos olhos. Denis diz que os pastores da Arábia e os das planícies incultas do Novo Mundo, embora tendo quase as mesmas ocupações, devem encantar seu lazer com canções que diferem tanto das dos europeus “quanto as solidões que habitam estão longe de se assemelhar às da Grécia e da Itália”:

Uma das maiores provas da influência dos lugares no espírito poético dos homens é esta analogia que existe entre o sertanejo e o árabe do deserto: ambos veem apenas imensas planícies queimadas pelo sol, inúmeros rebanhos, abandonados a si mesmos, e embora apegados aos lugares onde nasceram, seu espírito inquieto parece sempre querer arrastá-los para além dos limites do horizonte: vagam, sem propósito, por essas vastas planícies, e carregam continuamente consigo ideias sombrias e melancólicas, nascidas de uma misteriosa uniformidade. O amor, nestes países em chamas, torna-se um sentimento do qual nada pode distrair: é a necessidade mais imperiosa da alma; é o grito do homem que pede uma companheira, para não ficar sozinho no meio dos desertos.¹⁷(75-76)

Como esses lugares (o sertão brasileiro e as arábias) não possuíam vales ou sombras, as ideias seriam “graves e imponentes como os lugares que as inspiram” (75-76). Os diferentes povos da América teriam superstições que, segundo Denis, se alinham perfeitamente com o caráter da paisagem que mais comumente chama a atenção. Os “selvagens da Flórida” contariam ficções cheias de poesia e graça, porque o país em que costumam viajar desvelaria para eles cenas majestosas sem horror. Das histórias dos “selvagens”, restaria apenas “uma tradição poética que encantava com o lazer, como as fábulas dos árabes divertem nossa imaginação” (86-87).

No capítulo XX, dedicado à comparação entre o caráter poético do africano e o do americano, Denis continua com suas suposições: enquanto (talvez) o americano

¹⁷ Une des plus grandes preuves de l'influence des lieux sur l'esprit poétique des hommes, c'est cette analogie qui existe entre le Sertanejo et l'Arabe du désert : ils ne voient tous deux que des plaines immenses brûlées par le soleil, que des troupeaux sans nombre abandonnés à eux-mêmes, et quoique attachés aux lieux où ils sont nés, leur esprit inquiet semble vouloir toujours les entraîner au delà des bornes de l'horizon : ils errent, sans dessein, dans ces vastes plaines, et portent continuellement avec eux des idées sombres et mélancoliques, nées d'une mystérieuse uniformité. L'amour, dans ces pays brûlants, devient un sentiment dont rien ne peut distraire : c'est le besoin le plus impérieux de l'âme; c'est le cri de l'homme qui appelle une compagne, pour ne pas rester seul au milieu des déserts.

fosse mais apegado ao lugar onde nasceu, o habitante da África poderia viver longe de seu país. Entretanto, onde quer que esteja, o africano carregaria “um gosto pela poesia que o distingue dos outros povos”:

A musa do americano selvagem mora nas belas florestas; já não parece favorecê-lo assim que ele se afasta dela. O africano carrega suas inspirações poéticas por toda parte; eles também são de um caráter muito diferente, apesar da semelhança do clima. O americano, mergulhado em profundos devaneios, nem sempre sabe dar voo aos seus pensamentos, e quando levanta a voz, as suas canções são melancólicas: a sua pantomima é lenta, os seus olhos exprimem mais tristeza do que paixão. O preto, ao contrário, sabe colocar tudo em ação; seu olhar pinta alternadamente os suaves langores e os fogos devoradores do amor. Seu canto, guiado pelo tempo, é quase sempre rápido, seus gestos são apaixonados; há mais entusiasmo em suas ideias, mais sentimento nas dos americanos; um viaja por vastas e escuras florestas onde persegue animais selvagens; o outro acaba de deixar o campo cultivado, onde muitas vezes se entregava a jogos nascidos da abundância e do descanso.¹⁸

Observe-se que Denis trabalha ao mesmo tempo com ideias oitocentistas sobre o caráter dos povos, que consideram o indivíduo como um derivado da cultura da qual descende; e com ideias sobre a influência do clima nas populações humanas. Montesquieu relacionava a fraqueza, timidez e apatia dos habitantes do clima quente à exaltação de suas faculdades imaginativas dizendo que a natureza, que teria dado a esses povos uma fraqueza que os tornaria tímidos, deu-lhes também uma imaginação tão viva que tudo os impressionaria ao excesso (MONTESQUIEU, 1958, v.2: 137). A imaginação e a sensibilidade são, portanto, *topoi* da visão que têm os europeus sobre os

¹⁸ Chez les noirs, la danse, destinée à exprimer les passions, se retrouve dans toutes les circonstances de la vie¹, et semble être un des principaux mobiles de leur existence ; moins attaché peut-être que l'Américain à la contrée qui le vit naître, l'habitant de l'Afrique peut vivre loin de sa patrie ; mais soit qu'il ne traverse point les mers, et qu'il jouisse de sa liberté, soit que l'esclavage l'entraîne vers des contrées étrangères, il porte dans toutes les circonstances un goût pour la poésie qui le distingue des autres peuples. La muse de l'Américain sauvage habite les belles forêts; elle semble ne plus le favoriser dès qu'il s'en éloigne. L'Africain porte partout ses inspirations poétiques; elles sont aussi d'un caractère très-différent, malgré la ressemblance du climat. L'Américain , plongé dans une profonde rêverie, ne sait pas toujours donner l'essor à sa pensée, et quand il élève la voix, ses chants sont mélancoliques : sa pantomime est lente, ses yeux expriment plutôt la tristesse que la passion. Le noir, au contraire, sait tout mettre en action ; ses regards peignent tour à-tour les molles langueurs et les feux dévorans de l'amour. Son chant, guidé par la mesure, est presque toujours rapide, ses gestes sont passionnés; il y a plus d'enthousiasme dans ses idées, plus de sentiment dans celles des Américains; l'un parcourt de vastes et sombres forêts où il poursuit les animaux sauvages; l'autre vient de quitter des campagnes cultivées, où il se livrait souvent à des jeux nés de l'abondance et du repos. P. 195-197

países quentes. Para Mme. de Staël, o sol do sul anima a imaginação: esta seria a causa da riqueza dos contos árabes em relação aos contos europeus.

De todo modo, o que transparece para o leitor atento de tudo o que foi escrito por Denis é que suas conclusões tinham mais a ver com os pressupostos europeus de que partiram do que com as realidades dos lugares e das populações “estrangeiras” de que tratou.

TRABALHOS CITADOS

ADER, J.J. "Resenha". *Le Mercure de France*, v. VII, 1824.

BUFFON, Georges-Louis Lecler, comte de. *Discours sur le style*. Hull : Ed. University of Hull, 1978.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 2.ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, s. d. 2 v.

CHACON, Vamireh. *História das ideias socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CHAVES DE MELLO, Maria Elizabeth. *Lições de crítica*. Niterói: EDUFF, 1997.

DENIS, Ferdinand. *Résumé de l'Histoire du Brésil suivi du Résumé de l'Histoire de la Guyane*. Paris : Leconte & Durey, 1825.

DENIS, Ferdinand. *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie*, suivies de *Camoens et Jozé Indio*. Paris: L. Janet, 1824.

FERNANDES PINHEIRO, J.C. *Curso de Literatura Nacional*. 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. Cátedra; Brasília: INL, 1978.

GRANDPRÉ, Louis-Marie-Joseph Ohier (comte de). *Voyage à la côte occidentale d'Afribantantes locais riques : fait dans les années 1786 et 1787, contenant la description des mœurs, usages, lois, gouvernement et commerce des états du Congo... ; suivi d'Un voyage fait au cap de Bonne-Espérance : contenant la description militaire de cette colonie*. Paris: Dentu, 1801. t.1.

JOBIM, José Luís. *Literatura Comparada e Literatura Brasileira: circulações e representações*. Boa Vista: EDUFRR; Rio de Janeiro: Makunaima, 2020.

LA CONDAMINE, Charles. *Relation abrégée d'un voyage à l'intérieur de l'Amérique Méridionale. Depuis la côte de la mer du Sud, jusqu'aux côtes du Brésil et de la Guiane*,

en descendant la rivière des Amazones, lue à l'assemblée publique de l'Académie des Sciences, le 28 avril 1745.

MONTESQUIEU, Charles-Louis, baron de. *De l'esprit des lois*. In : _____. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1958. 2 v. v. 2.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SAINTE-BEUVE. *Oeuvres de Sainte-Beuve*. Paris: Gallimard, 1949.

STAËL, Mme. De. *De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales*. In : _____. *Oeuvres complètes*. Genève : Librairie Droz ; Paris : M. J. Minard, 1959, v. IV.

José Luís Jobim de Salles Fonseca é Mestre (1980) e doutor em Letras (1986) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi visiting scholar na Stanford University (2001) e ocupou a Chaise des Amériques na Universidade de Rennes 2; deu cursos e fez conferências em várias universidades do Brasil e do exterior, entre as quais: Sorbonne Nouvelle (Paris 3), Universidade de Roma La Sapienza (Itália), Yale University, Princeton University, University of Manchester, Universidad de Chile, Universidad de La Republica Oriental de Uruguay. Atualmente é Professor Titular da Universidade Federal Fluminense, atuando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura. Foi professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde foi diretor do Instituto de Letras, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras e membro do Conselho Universitário. Foi presidente da Associação Brasileira de Literatura Comparada e primeiro secretário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística. Entre suas atividades, podem-se mencionar: referee/peer reviewer da Agenzia Nazionale di Valutazione del sistema Universitario e della Ricerca (ANVUR) da Itália, ex-membro do Board of Advisors do Institute for World Literature (Harvard University, USA), Referee/peer reviewer para o Ministério da Educação, Universidade e Pesquisa da Itália (MIUR) Membro do Comitê de Pesquisa da International Comparative Literature Association membro do Board of Advisors da Brazilian Studies Series da Editora Peter Lang, membro de conselhos consultivos e/ou editoriais de periódicos científicos no Brasil e no exterior. Foi membro da Comissão Nacional de Letras do INEP.

Maria Elizabeth Chaves de Mello realizou pós-doutorado na Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, em 2008, defendeu mestrado (1986) e doutorado (1993) em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Foi professora de língua e literatura francesa na PUC-RIO (1988 a 1992) e de literatura brasileira na Université du Québec à Montréal, em 2002. Atualmente é professora titular, na pós-graduação em Estudos de Literatura, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense e pesquisadora PQ1D, do CNPQ.

Atua na área de Letras, com ênfase em Teoria da Literatura, Literatura Comparada e Literaturas Estrangeiras Modernas, principalmente nos seguintes temas: crítica literária, literatura e história, cruzamento de olhares França/Brasil, olhares sobre o Brasil, tradução e construção de antologias. Orienta mestrado, doutorado e pós-doutorado. Em 2001, foi condecorada pelo governo francês com a medalha de Chevalier des Palmes Académiques. Coordena, desde 2011, o convênio entre a UFF e a Université de Paris 3, Sorbonne Nouvelle, onde é membro associado do CREPAL (Centre de Recherches sur les Pays Lusophones). Coordena também o convênio com a Université de Pau et des Pays de l'Adour.

Artigo recebido em 20/06/2022. Aprovado em 25/06/2022.